



Sessão Temática ST5: Cooperativismo, economia colaborativa e sustentabilidade

ECONOMIAS ALTERNATIVAS: UMA LEITURA A PARTIR DA PRÁTICA DO COWORKING DO CILLA TECH PARK DE GUARAPUAVA-PR

ECONOMÍAS ALTERNATIVAS: UNA LECTURA DE LA PRÁCTICA DE COWORKING EN CILLA TECH PARK EN GUARAPUAVA-PR

ALTERNATIVE ECONOMIES: A READING FROM THE PRACTICE OF COWORKING AT CILLA TECH PARK IN GUARAPUAVA-PR

Nayara Fernanda dos Santos¹, Sandra Lúcia Videira Góis², Amanda Aparecida das Neves Barreto³

¹ Doutoranda do PPGG da Universidade Estadual do Centro Oeste/UNICENTRO; Bolsista: Capes

² Professora do Departamento de Geografia da UNICENTRO

³ Graduada em Geografia Licenciatura pela UNICENTRO

Palavras-chave: Sociedade da Informação. Economias Alternativas. Inovação. Coworking. Parque Tecnológico Cilla Tech Park.

Palabras clave: Sociedad de la Información. Economías alternativas. Innovación. Cotrabajo. Parque tecnológico Cilla

Keywords: Information Society. Alternative Economies. Innovation. Coworking. Cilla Tech Park

INTRODUÇÃO

As transformações ocorridas nos processos produtivos nas últimas décadas devido ao acelerado desenvolvimento da tecnologia, do capitalismo e da globalização remodelaram a base material da sociedade, conforme Castells (1999). O debate sobre as mudanças no mundo do trabalho estão cada vez mais presentes e tem permeado muitos estudos nas últimas décadas.

Com a globalização e o fenômeno da internet que deixou o cenário do trabalho cada vez mais competitivo e criativo, assistimos emergir um novo tipo de produção, muito diferente do que acontecia no capitalismo tradicional, onde o chão da fábrica e a força humana era o fator determinante. Com a economia cada vez mais baseada no conhecimento, o fator cognitivo passou a ter mais valor, emergindo um tipo de trabalho fundamentado na criatividade.

É nesse cenário que se inicia o teletrabalho e o *coworking*, onde as pessoas trabalham de uma forma flexível, o compartilhamento e a autonomia sobressaem aos novos padrões de produção em busca de produtividade e criatividade como afirma Silva (2013).



Segundo Foertsch e Cagnol (2013), em 1995 ocorre a criação da C-base em Berlim, sendo um dos primeiros *hackerspaces* do mundo. Os *Hackerspaces* normalmente estão ligados a comunidade, ofertando um local físico em que as pessoas podem se encontrar e trabalhar. Esses lugares podem ser entendidos como os embriões de espaços de *coworking*. Em 1999 Bernard DeKoven empregou o termo “*coworking*” para descrever um método que ajudaria o trabalho colaborativo e reuniões de negócios coordenadas por computadores. A interpretação de DeKoven deu-se na observação de que os indivíduos e os negócios ficavam muito distantes e hierárquicos para serem considerados “trabalhando juntos como iguais”. Com isso, o método por ele empregado tinha como preocupação apoiar o trabalho colaborativo através da abordagem não competitiva, e ainda possibilitar às pessoas a chance de trabalharem em seus próprios projetos.

Em 2005, surge o primeiro “espaço de *coworking*” oficial, abrindo suas portas em São Francisco nos Estados Unidos pelo programador Brad Neuberg, como resposta aos diversos centros de negócios considerados “antissociais” e à vida profissional ineficaz em um *home office* (FOERTSCH E CAGNOL, 2013).

Com o passar do tempo, novos lugares passaram a contemplar espaços de *coworking*, como os Parques Tecnológicos, que segundo a Associação Internacional de Parques Científicos e Áreas de Inovação - IASP (2024), um parque científico é uma organização gerida por profissionais especializados, no qual o principal objetivo é aumentar a riqueza da sua comunidade por meio da promoção da cultura de inovação e da competitividade dos negócios junto com as instituições de base do conhecimento que delas fazem parte. Mas para que todos esses objetivos sejam obtidos, um parque da ciência estimula e gerencia o fluxo de conhecimento e tecnologia entre universidades, instituições de Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), empresas e mercados; favorece a criação e o crescimento de empresas de bens inovadores através de processos de incubação e *spin-off*; além de fornecer outros serviços de valor agregado juntamente com espaços e instalações de alta qualidade.

Já Barcellos e Botura Júnior (2017) descrevem que *Science Park* ou Parques Tecnológicos são considerados ambientes que dispõem de espaços *coworking* como uma função inovadora empreendedora. A compreensão de espaços integrados e compartilhados que proporcionem a transferência do conhecimento e da ciência para a utilização prática, sendo uma característica usual dos Parques e de seus *coworking places*.

Assim, com o propósito de entender esse cenário que se desenha no mundo do trabalho e na composição de novos fixos urbanos, influenciados por esse mundo preñado de ciência e tecnologia que o presente resumo tem como objetivo entender como está organizado o *coworking* no Parque Tecnológico Cilla Tech Park localizado em Guarapuava/PR, num contexto de mudanças do mundo do trabalho e da emergência de uma sociedade da informação.

Com isso a pesquisa se justifica porque vem somar a compreensão dos espaços de *coworking* e como ele vem se fazendo presente dentro dos Parques Tecnológicos, auxiliando no desenvolvimento cada vez maior de novas ideias em diferentes áreas.



Como metodologia do trabalho a fim de buscarmos subsídios para o entendimento do tema proposto, em um primeiro momento, recorreremos a fontes bibliográficas concertes ao tema, utilizando de autores como Castells (1999), e em seguida buscamos dados e informações ao *site* do Parque Tecnológico Cilla Tech Park para podermos verificar a respeito das atividades de *coworking* que acontece nesse ecossistema de inovação.

DESENVOLVIMENTO

SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E A GLOBALIZAÇÃO

Estamos vivendo uma nova ordem que tem suas bases nas mudanças paradigmáticas, tanto do ponto de vista social, econômico, político, tecnológico dentre outros. A sociedade da informação iniciou na década de 1970, especialmente no Japão e nos Estados Unidos, essa expressão advém da disseminação e associação da informática e da telecomunicação, criada no cenário da modernidade.

Segundo Castells (1999, p. 39) “Uma revolução tecnológica concentrada nas tecnologias da informação começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado”, o que é reforçado por Vale (2009) ao afirmar que o conhecimento é fator decisivo para a tecnologia e a informação. Logo, a economia seria marcada por um novo paradigma calcado na informação.

A economia do conhecimento remodelou a sociedade, tudo é acelerado graças à tecnologia, e junto com a tecnologia da informação vem à globalização. A aceleração dos fluxos, do capital, das pessoas, da comunicação, as políticas do comércio externo e a livre circulação do capital, e a concentração de atividades intensivas em conhecimento fazem parte dessa nova etapa da sociedade. Conforme aponta o Ministério da Ciência e Tecnologia (2000, p.5).

A sociedade da informação não é um modismo. Representa uma profunda mudança na organização da sociedade e da economia, havendo quem a considere um novo paradigma técnico-econômico. É um fenômeno global, com elevado potencial transformador das atividades sociais e econômicas, uma vez que a estrutura e a dinâmica dessas atividades inevitavelmente serão, em alguma medida, afetadas pela infra-estrutura de informações disponível.

A sociedade passou por mudanças de paradigmas onde levou a novas exigências, estratégias e ações. Começou a surgir novas maneiras de fazer pesquisas, estudos e de compreender o mundo. A globalização é um dos processos de aprofundamento internacional da integração econômica, social, cultural e política que foi impulsionado pela redução de custos dos meios de transporte e comunicação dos países no final do século XX e início do século XXI.

A globalização pode ser caracterizada por uma maior permeabilidade das barreiras nacionais a transações, mobilidades dos ativos financeiros mundiais e o acesso a mercados. Há uma dispersão mundial das tecnologias de informações e comunicações, a ciência, tecnologia e o mercado global são pensados como um conjunto. O meio geográfico tende a ser universal, onde todos os processos tornam-se hegemônicos, no globo todo. Mas sabemos que os processos da globalização não chegam a todos os lugares com a mesma rapidez, existem locais onde há uma ausência da globalização, locais totalmente afastados dos meios técnico-científicos, os lugares de tempo lento.



Nesse viés de mudança ocasionado pelo advento da globalização, surge as economias alternativas também entendidas como as variadas formas de produção e de consumo. Elas são um conjunto de atividades econômicas ligada às artes, à cultura, às novas mídias e criatividade em geral, e tem uma estreita relação com os avanços científicos e tecnológicos. Existem também as economias colaborativas, em que você compartilha seu equipamento ou o fornece através de serviços, como transporte ou mão de obra. Há também a economia criativa, que como o nome já diz é onde o produtor usa a criatividade, a cultura e o capital intelectual. De acordo com Méndez (2015) a designação de economia alternativa está formada por cinco critérios de identificação: o princípio de solidariedade; o objetivo de formarem uma alternativa ao sistema capitalista; a importância das redes colaborativas; a estratégia em matéria de inovação social; e por fim, a relevância da proximidade espacial a outras atividades similares.

São esses conceitos que estão ganhando cada vez mais espaço diante a economia tradicional. A criatividade passa a ser um recurso básico, diferencial e imprescindível nessa nova economia mundial. Segundo Reis (2011) a primeira vez que a palavra Economia Criativa apareceu foi na Austrália em 1994 no projeto *Creative Nation*, que buscava preservar e valorizar o patrimônio cultural nacional e sua diversidade sem descuidar do desenvolvimento dos setores relacionados às tecnologias que estavam surgindo. Foi ali que surgiu o incentivo para as artes, artesanato, bibliotecas e arquivos, cinema, televisão, rádio, dança, design, literatura, música e multimídia, dando valor ao patrimônio histórico e cultural.

A criatividade é o símbolo da economia criativa, segundo Florida (2002) é através da criatividade que vai surgir novos modos de se pensar a economia, esta andando junto com a cultura. Estamos entrando na era criativa onde não podemos ficar presos aos velhos paradigmas de desenvolvimento econômico, as empresas precisam fazer adaptações necessárias para atrair e manter funcionários das classes criativas. Deste modo, cabem mudanças no trabalho afim de que a criatividade prospere e possa ser inserida nos novos métodos da economia.

Diminui o modo de trabalho tradicional, aquele em que o trabalhador fica fechado em seu escritório, e abre novos modos de processos produtivos onde o trabalhador pode ser criativo, não necessita mais ficar fechado em um escritório, mas agora ele pode fazer o trabalho de sua maneira com livre iniciativa. A variedade dessas práticas produtivas está atrelada a diferentes conceitos, tais como: economia social, economia colaborativa, economia solidária, economia alternativa, economia comunitária ou economia do bem comum, entre outros (HERNANDÉZ, 2017; MÉNDEZ, 2015).

É nesse cenário que entra o teletrabalho, o *coworking*, e outras formas de trabalho. Segundo Silva (2013), no teletrabalho as pessoas trabalham em suas casas (*home office*) com seus computadores. Há aqueles que não trabalham em suas casas e não trabalham em suas empresas, estes trabalham em qualquer espaço que lhes permitam uma boa conexão à internet e moderada privacidade, como em livrarias, bibliotecas, *cybercafés*, escritórios satélites, que são escritórios da própria empresa em regiões próximas à residência dos trabalhadores – e não se caracterizam como filiais da empresa – e os telecentros (*coworking*) que são espaços que reúnem profissionais de diferentes áreas, trabalhando para diferentes empresas que optam por não perder o convívio social, compartilham ideias num ambiente criativo, alguns possuem empresas virtuais e não dispõem de espaço físico apropriado para receber clientes ou que simplesmente



preferem os telecentros a suas casas por motivos particulares, como dificuldade de concentração.

Para Dino (2024), o *coworking* é caracterizado como um modelo de trabalho que constitui em dividir um espaço com diferentes profissionais, de áreas e segmentos distintos, mas que tem em comum a busca por um ambiente apropriado, confortável e inspirador para desenvolver suas atividades. Para Maya PR (2023, s/p.) o objetivo fundamental de um *coworking* é o:

(...)compartilhamento de espaço e otimização de recursos para empreendedores e empresas de pequeno porte. O *coworking* é um espaço físico que pode ser compartilhado por várias empresas, profissionais liberais e *freelancers*. Além de dividir as despesas gerais, como luz, aluguel, você e sua empresa podem compartilhar várias áreas em comum, como refeitório, auditório, recepção e, o mais interessante, trocar experiências com outros profissionais e empresas e ampliar a sua rede de relacionamento. É muito simples. Você aluga uma estação de trabalho de acordo com as suas necessidades e recebe, também, serviços e facilidades como recepção, *internet*, estrutura física, como auditório, sala de reuniões e estacionamento. Tudo depende do que você precisa – há, no mercado, planos por hora, por mês e, até, anuais.

Segundo dados do Censo *Coworking* 2024, realizado pela Woba (considerada a maior rede de escritórios flexíveis por assinatura da América Latina), o Brasil apresentou um aumento de cerca de 20% no número de espaços de *coworking*, crescendo de 2.443 para 2.986, em que 58,5% desses ambientes encontram-se situados nas capitais, evidenciando essas áreas como centros de inovação e negócios, São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro aparecem como líderes. Esses espaços aparecem cada vez mais destinados para públicos diferenciados, tendo 91% deles se caracterizando como multidisciplinares.

Outro destaque que o Censo evidenciou foi o crescimento na oferta de serviços, tendo maior destaque o aumento em espaços para eventos e atividades as quais melhoram a experiência do cliente. O segmento de escritórios flexíveis demonstra um aumento não somente em tamanho, mas na variedade de serviços ofertados, deixando claro às necessidades diferenciadas de seus usuários (WOBA CENSO COWORKING, 2024).

Conforme descrito na literatura apresentada há diversos lugares que contemplam a presença dos *Coworkings*, entre eles, damos destaque especial aos Parques Científicos e Tecnológicos que surgiram no Brasil ainda na década de 1984. Conforme a Anprotec (2024) isso só foi possível a partir da Resolução Executiva de nº 084, de 1984, assinada pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que autorizou a criação do Programa Brasileiro de Parques Tecnológicos, nesse momento só tinham cinco fundações tecnológicas privadas (que não possuíam algum fim lucrativo), sendo elas: Manaus (AM), Campina Grande (PB), São Carlos (SP), Joinville (SC) e Santa Maria (RS), tendo juntas o objetivo de promover a transferência de tecnologia desenvolvidas nas universidades para o setor privado.

Segundo a Anprotec (2024) os Parques Tecnológicos entendidos como uma organização ou estrutura que tem como função definir ou prestar suporte logístico, gerencial e tecnológico para o empreendedorismo inovador e ativo em conhecimento, tendo como função primordial, propiciar a criação e o desenvolvimento de empresas as quais estejam ligadas com atividades de inovação. Formam juntos com as cidades inteligentes, com os distritos industriais, com os



polos tecnológicos, com os arranjos promotores de inovação, com os centros de inovação e áreas de inovação o ecossistema de inovação, que a Anprotec (2024, s/p) definiu como sendo “espaços que agregam infraestrutura e arranjos institucionais e culturais e atraem empreendedores e recursos financeiros. Constituem lugares que potencializam o desenvolvimento da sociedade do conhecimento”.

Assim, a partir dessa contextualização dessa economia do conhecimento e alternativa, e da compreensão do que é Parque Tecnológico, apresentaremos sobre o Parque Tecnológico Cilla Tech Park (CTP) e o seu *coworking*, localizado em Guarapuava/PR.

O Parque Tecnológico Cilla Tech Park e a formação de seu *coworking*

De acordo com *site* do Parque Tecnológico Cilla Tech Park, ele é considerado uma associação de direito privado sem fins lucrativos, que tem como objetivo abarcar as demandas locais, mapear recursos e estruturar diferentes ações de inovação para que ocorra o desenvolvimento e consolidação do ecossistema de inovação do município de Guarapuava/PR.

No que consiste ao seu espaço de *Coworking*, o Cilla Tech Park tem por função incentivar o crescimento de empreendimentos tecnológicos, desenvolvendo um espaço colaborativo entre empreendedores, pesquisadores e investidores que dele fazem parte. Para obter a residência no CTP é preciso ter o Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica (CNPJ) ativo, ter projetos em protótipo legalizados com clientes potenciais, em especial nos setores como energia sustentável, biotecnologia, agronegócio, saúde, cidades inteligentes e transformação digital. Além disso, o papel articulador com o viés inovador deve ser levado em consideração além do uso da criatividade e de novas tecnologias (CILLA TECH PARK, 2024, S/P.).

Assim, segundo o *site* Cilla Tech Park (2024), a residência no CTP oferta aos empreendimentos diferentes benefícios como: espaços de trabalho modernos, infraestrutura compartilhada, oportunidades de *networking*, programas de capacitação e suporte técnico. Podendo abranger isenção de taxa de uso do *coworking* por até 6 meses, desde que a proposta esteja alinhada aos setores de desenvolvimento econômico regional por meio da inovação, além de poderem ter disponibilidade e agendamentos antecipados de salas de reuniões e áreas comuns. Outro benefício que o CTP oferta aos residentes é a obtenção da visibilidade e promoção através dos diversos eventos desenvolvidos pelo CTP e pelo ecossistema local de Ciência, Tecnologia e Inovação.

Atualmente o *coworking* do Cilla Tech Park está formado por 35 empresas, conforme pode ser observado em seu *site*, sendo elas: Cali Tech, Entrês, 4You Comunicação, MindScope, Mão de Anjo Home Care, Head Midia, Genitore, Ignite Media, BeeFinance, Shooting House Sistemas, Virtus Registros de Marcas, InovaGestão, Abrasel, Interface Sistemas, Camargo Info Cell, Lets Grow Sistemas, Trinexus, FIQOn, Teorema Sistemas, 360° Cidade, Dacoreggio, Brato Construtora, Go on Ads, Consulta Já, Cresol, OrthoDontic, MS – Mentoria e Consultoria, Crachá Digital, Moss, Per – F, Estruture-se, Monica Gheller Arquitetura, Bertollo Advocacia, Lopes Indústria de Pães.

Os setores que as empresas mais atuam estão ligados a saúde, educação, agronegócio, Tecnologia da Informação (TI), Tecnologia da Informação e Comunicação (TIC), alimentício,



setor digital, Registro de Marcas, Inovação e *Marketing*, Loja de assistência técnica em informática e celulares, *Softwares* e *Apps*, *Fintech*, Consultoria financeira, Loja de assistência técnica em informática e celulares, pesqueiro, Franquia de Ortodontia, advocacia, engenharia, arquitetura, clínica médica.

Nota-se, porém, que cada vez mais os ambientes dos Parques Tecnológicos estão sendo lugares de criação e oportunidades de atividades de *coworking*, especialmente as que estão ligadas a inovação ou as vocações regionais de cada região que o parque está inserido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento cada vez maior das diversas tecnologias de informação, as quais estão intimamente ligadas a economia do conhecimento houve uma modificação no tipo de trabalho empregado nas últimas décadas, fator este desencadeado também pelo papel articulador da *internet* e da globalização. O chão da fábrica e a forma braçal tão importante na segunda Revolução Industrial passou a perder espaço na Terceira Revolução, onde o fator conhecimento com características criativas passou a ser o elo fundamental dessa sociedade informacional como bem apresentava Castells (1999).

Novos espaços produtivos foram sendo desenvolvidos, a exemplo, os ambientes de *coworking* os quais diferentes empresas e setores passaram a usufruir do mesmo espaço e das mesmas redes de informação sem mais precisarem se deslocar para alguma área do território seja ele internacional, nacional, regional ou local. Empresas dos mesmos setores dividem tais espaços sem entrarem em conflito, criando e desenvolvendo produtos, inovações e mercadorias.

Hoje alguns lugares escolhidos para a atividade do *coworking* são os ambientes dos Parques Tecnológicos, como o caso do Cilla Tech Park, que tem em seu ambiente diversas empresas e setores buscando desenvolver e se articular com as vantagens regionais onde o parque encontra-se inserido.

REFERÊNCIAS

ANPROTEC. **Parques Tecnológicos no Brasil: Estudo, Análise e Proposições**. Disponível em: <http://www.al.rs.gov.br/FileRepository/repdcp_m505/ComEspParqTecnologicos/APROTEC.pdf>. Acesso em: 16 set. 2024.

ANPROTEC. **Mecanismo de geração de empreendimentos e ecossistemas de inovação**. Disponível em: <<https://anprotec.org.br/site/sobre/incubadoras-e-parques/#0909>> Acesso em: 14 set. 2024.

BARCELLOS, E. E. I.; BOTURA JUNIOR, G. *Coworking*: ambiente compartilhado, inovação e ferramenta colaborativa. In: PASCHOARELLI, C. L.; SALCEDO, B. F. O. (Org.). **Design, Arquitetura e Urbanismo: Transversalidades**. Bauru. 2017. 1º Ed. v. 1, p. 13-23.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, v. 1. 1999.

CILLA TECH PARK. **O que é o Cilla Tech Park**. Disponível em: <<https://ctp.org.br/quem->



somos/ >. Acesso em: 03/08/2024.

CILLA TECH PARK. **Conectando Mentes, Criando Inovação**. Disponível em: < <https://ctp.org.br/coworking/> >. Acesso em: 16 set.2024.

CILLA TECH PARK. **Portifólio das empresas conectadas ao CTP**. Disponível em: < <https://ctp.org.br/categoria/coworking/#list-empresas> >. Acesso em: 16 set.2024.

DINO. **Coworking reduz custos e beneficia economia local**. 2024. Disponível em: <<https://valor.globo.com/patrocinado/dino/noticia/2024/02/08/coworking-reduz-custos-e-beneficia-economia-local.ghtml> > Acesso em: 14 set. 2024.

FOERTSCH, C.; CAGNOL, R. **A história do Coworking em uma linha do tempo**. 2013. Disponível em: < <https://www.deskmag.com/en/coworking-spaces/the-history-of-coworking-spaces-in-a-timeline> >. Acesso em: 12 set. 2024.

FLORIDA, R. **The Rise of the Creative Class**. New York: Basic Books, 2002.

HERNÁNDEZ, J. L. S. **Las prácticas económicas alternativas en perspectiva geográfica**. Universidad d Salamanca. (2017)

IASP. Associação Internacional de Parques Científicos e Áreas de Inovação. **DEFINIÇÕES**. Disponível em: <https://www.iasp.ws/our-industry/definitions>. Acesso em: 16 set.2024.

MAYA PR. **Coworkings faturam, em média, R\$ 305 mil por ano no Brasil, aponta o Censo Coworking 2023**. Disponível em: <<https://www.progresso.com.br/economia/coworkings-faturam-em-media-r-305-mil-por-ano-no-brasil-aponta-o/400322/>>. Acesso em: 14 set.2024.

MÉNDEZ, R. Redes de colaboración y economía alternativa para la resiliencia urbana: una agenda de investigación. *Biblio3W, Revista Bibliográfica de Geografía Y Ciencias Sociales*, Barcelona, Vol. XX; n. 1.139, p. 1-24; 2015.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA E TECNOLOGIA (MCT). **Sociedade da Informação no Brasil; Livro Verde**. Org: Tadao Takahashi. Brasília, 2000. XXV, p. 195.

REIS, A. C. F. **CIDADES CRIATIVAS. Análise de um conceito em formação e da pertinência de sua aplicação à cidade de São Paulo**. 2012. 312 f. Tese (Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2012.

SILVA, V. G. Prontos para o teletrabalho? Um estudo sobre o trabalho docente do ensino superior brasileiro. **Revista Eletrônica Gestão e Serviços**, São Paulo, v4, n.2, pp. 635-651, agosto / dezembro 2013.

WOBA. **Censo Coworking, 2024**. Disponível em: < <https://blog.woba.com.br/censo-coworking/#form-botao> >. Acesso em: 14 set/2024.